

Um homem

Cyro de Mattos

A festa de aniversário começa a ser programada com dez meses de antecedência. Comparece gente da prole espalhada por todos os cantos do Brasil. Ele tem 25 filhos, 86 netos, 40 bisnetos, 16 trinets e 8 tetranets. Ultrapassou a barreira comum do nosso saco de tripas, superando a linha de chegada que Deus programou para nossa sobrevivência aqui neste planeta.

Viver tanto tempo e manter a crença na vida. Fato incomum feito de vitalidade, otimismo e alegria. O que deve passar na cabeça de um homem que atravessou um dos períodos mais conturbados da humanidade? Foram duas grandes guerras mundiais, dezenas de guerras localizadas, muitas revoluções, inúmeras práticas de genocídios a povos e grupos discriminados, apogeu e desaparecimento de estadistas que a história conheceu como heróis. Uma vez lhe perguntaram o que é a vida. Respondeu: "A vida é um branco, um preto, um

mestiço". Observou que ela se acalma quando os homens vivem em paz, se vinga quando ferem e matam. Ela faz pacto com os homens, dando-lhes poderes, mas cobra um preço alto quando eles castigam a natureza.

Conta um dos filhos que ele começou a trabalhar na roça ajudando o pai, desde os 12 anos. Morava na pequena cidade de Barracão, divisa entre a Bahia e Sergipe. Aos 16 anos, o menino de estatura pequena já se sentia um homem, pronto para assumir uma família. Conheceu Filomena numa festa de São João, enamorou-se e logo casou. Veio para o braço Sul das terras do Japaró, buscando melhorar a vida. No início trabalhou nas roças dos outros, enfrentando qualquer tipo de trabalho. Queria ganhar dinheiro, gostavam do que ele fazia. Juntou um dinheirinho, comprou dois burros e deixou de trabalhar para os outros. Passou a ser procurado para que os burros transportassem lenha,

* Cyro de Mattos é contista, poeta, cronista e autor de livros infanto-juvenis. Autor de 28 livros, publicados em Portugal, França, Alemanha, Dinamarca, Rússia, Estados Unidos e México. Membro da Academia de Letras da Bahia.

muda, pedra, tijolo e areia. O negócio foi prosperando, comprou mais três burros, fazendo uma tropa pequena. Junto mais dinheiro e daí a vinte e cinco anos comprou seu pedaço de chão.

Sempre gostou de lavrar a terra, valorizar o suor derramado com o trabalho, o tempo consumido com sabedoria. Da terra tirou o sustento para ir passando a vida, criar os filhos, que cresceram sem passar necessidades. Quando se tornavam adultos e com autonomia, cada um tomava sua estrada. Exercia a profissão escolhida e assumia sua família.

Tem como distrações preferidas tomar banho de rio, montar cavalo, passear pelo campo. Cuidar da horta e da chácara considera uma terapia para o corpo e mente. Distribui as sobras das hortaliças que recolhe da horta com os vizinhos, amigos e parentes. Nunca fumou e só veio tomar uns poucos goles de cerveja quando se aproximava dos 100 anos. Achou aquilo amargo como café sem ser temperado com açúcar. Acordava de madrugada todos os dias, abrindo as janelas para evitar que os filhos ficassem perdendo tempo na cama.

Temente a Deus, devoto de Santo Antônio, nunca perdeu missa aos domingos. Ultimamente acompanhava as procissões de Sexta-Feira da Paixão e São José, o padroeiro da cidade, apoiado na bengala. Todo dinheiro que ganhou na vida, uma parte foi para o seu sus-

tento, outra para guardar, utilizando em caso de necessidade. Às vezes destinava uma quantia para as obras religiosas. De preferência para a capelinha de Santo Antônio, o seu zeloso protetor, não esquecendo as reformas da Igreja Matriz de São José.

Mais de 300 pessoas transformam Tabocas do Japar, cidade onde criou a família, numa festa sem igual quando é chegado o dia de seu aniversário. Missa  concelebrada pelo padre Calixto e por outros sacerdotes dos municípios vizinhos. L está toda a prole em ritmo de alegria, vestindo camisetas com a foto de Benvindo do Amor Divino. Gente de toda cor, rindo a todo instante. Gente dos pontos mais distantes, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Branca, preta, mulata, sarar, cafuza, parda. Ponciano, o filho mais velho, com 85 anos, carpinteiro-pedreiro-ferreiro-mecânico, fala em voz alta que pretende superar a marca do pai, adiantando que essa proeza de fazer que a vida seja longa não vem são do lado paterno. "Mãe Filomena não fica por menos. Este ano apagou 96 velinhas". E mais: "Enxerga tudo, come tudo, fala tudo de s consciência, e a saúde está na mais perfeita ordem".

Com os olhinhos cintilando de gozo, o sorriso alargando o rosto quase sem rugas, Benvindo do Amor Divino aprova com a cabeça o que o filho acaba de dizer sobre a mãe. Ele demonstra pela

mulher um carinho que até hoje brilha no rosto. Acha que está faltando hoje amor entre o homem e a mulher. Todo mundo merece ser zelado. A maioria dos homens casa e já está pensando na separação em pouco tempo. Não pensa nas conseqüências, só quer usar a mulher para consumo. Todo mundo quer cuidado, até mesmo um bicho que a gente cria merece estima.

Dona Filomena abre um sorriso carinhosamente para ele, dizendo que existe muita dedicação, compreensão, afeto e paciência entre os dois. Tanto no café da manhã quanto nas refeições do almoço e jantar prepara-lhe vários tipos de comida. Quando ela ficou de cama por causa de uma queda que tomou na escada, ele não saiu do hospital, rezando no quarto para que ficasse boa logo e retornasse para casa com ele. Quando retornou, até mingau fez para ela.

Na missa concelebrada no ano passado, padre Calixto adiantou que se mostrava mais uma vez feliz vendo uma família tão numerosa manter-se unida sob os princípios cristãos. Esticou o pescoço magro, estendeu um olhar profundo sobre os fiéis e observou que essa união deve servir de exemplo não só aos mais jovens descendentes como aos jovens dos atribulados dias de hoje. Destacou a fibra do patriarca que, não sendo rico, educou os filhos numa vida de trabalho e honradez. Os instrumentos de

Benvindo do Amor Divino, os arreios de sela, a capa para se proteger da chuva e o chapéu de couro, foram doados durante o ofertório.

O largo da igreja estava lotado de pessoas entre felizes e curiosas, sempre havendo alguém nessa hora que alimentava a conversa contando alguma coisa interessante que acontecera com Benvindo do Amor Divino. Falava-se que ele conhecia a região como as palmas das mãos. Chegou para essas bandas quando tudo aqui era mata fechada com muita caça e onça de todo tipo. Benvindo do Amor Divino era amigo das onças. Não queria que os caçadores matassem as bichonas. As onças eram para viver livres como Deus fez. Também pudera! As onças escondiam a caça que matavam debaixo de uma porção de folhas. Ele chegava de mansinho e ia retirando as folhas. Quando sentia que a caça abatida pela onça ainda estava fresca era só apanhar a comida para muitos dias, depois de salgada.

Você sabe do que ele mais gosta atualmente? De dormir e comer, mas nada de alimentos enlatados. A alimentação é natural. Entre as poucas atividades que exerce, ensina aos mais jovens como melhor cultivar a terra, mostrando-lhes o tempo certo para arar e plantar. Um dia, o filho do dono da confeitaria perguntou-lhe qual a fórmula que usou para chegar tão longe. Falou que

saber viver é o de menos, saber morrer é que é. Tudo se resumia em dormir cedo e acordar de madrugada, comer sem exagero o alimento natural, não fumar, não beber. Trabalhar a terra com a enxada, andar sempre e nunca se enervar nas horas críticas. Com a voz forte: Cada um deve saber aproveitar o que ganha com o suor. Gastar com as necessidades, mas saber guardar e empregar bem. Já plantei muita bananeira, hoje não preciso plantar um pé. Não devo um tostão a ninguém, o que guardei dá para viver com dignidade, sem precisar pedir auxílio a terceiro. E, alisando os fios brancos da barba, arrematou com a voz calma de quem bem sabe das receitas completas dadas pela natureza: "Quando você estiver só e quiser afastar a tristeza é só ouvir o canto do sabiá ou do curió".

Você sabe também que ele já foi mostrado na televisão montado a cavalo? Pediu desculpas ao repórter por ser um analfabeto e não saber conversar. Não pôde subir no cavalo sozinho, não tinha mais flexão para impulsionar o corpo e montar na sela. Tempos atrás, um animal arisco caiu com ele montado, pisando o seu joelho. Ajudado pelos filhos, subiu no cavalo e saiu passeando pelas ruas da cidade natal. Antes fez questão

de deixar claro ao repórter: "Nunca caí do cavalo. O cavalo é que caiu comigo."

Naquele ano de verão temperado com chuvas fortes e rápidas, não quis revelar à mulher um sonho que teve dois dias depois da procissão de São José. Nem tampouco ao filho caçula, Olavinho, um que já fez 50 anos, que cuida das roças de cereal e do criatório de gado nos três alqueires da fazenda Estrela do Rio. Mandou reunir toda a prole e não quis comemorar o aniversário naquele ano. Disse no quarto que não queria choro. Não deve haver desunião entre vocês. Quero vocês reunidos todos os anos, comemorando o aniversário da Filomena. A vida é uma nuvem que passa, devagar para alguns, veloz para outros. Às vezes, alguns que vêm ao mundo demoram aqui pouco tempo, mal conseguem ver essa nuvem passar. Agradeço ao meu bom Deus ter vivido tanto tempo. Com a voz serena: os dias são iguais, o sol nasce e se põe, a noite vem e vai. Os anos são bonitos para se viver.

E, antes de fechar os olhos em definitivo, ainda disse: caprichem, tenham vergonha e aproveitem o nome que eu deixo para vocês. Foi-se embora deste mundo para a terra do nunca mais na flor dos seus 105 anos.